UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES – SÃO PAULO

LUANA BLASCO GOES CABRAL

INFÂNCIA E TEATRO: PERSPECTIVAS DE UMA MÃE-ESPECTADORA DE TEATRO PARA BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS

SÃO PAULO
2024

LUANA BLASCO GOES CABRAL

INFÂNCIA E TEATRO: PERSPECTIVAS DE UMA MÃE-ESPECTADORA DE TEATRO PARA BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Arte-Teatro

Linha de pesquisa: Arte-Educação

Orientadora: Profa. Drª Lilian Freitas Vilela

SÃO PAULO

2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pela autora.

C117i Cabral, Luana Blasco Goes (Luana Blasco), 1998-

Infância e teatro : perspectivas de uma mãe-espectadora de teatro para bebês e crianças pequenas / Luana Blasco Goes Cabral. -- São Paulo, 2024.

42 f. : il. color.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Lilian Freitas Vilela.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes.

1. Teatro e crianças. 2. Teatro infantojuvenil. 3. Crianças - Desenvolvimento. 4. Pais e filhos. 5. Crianças - Relações com a família I. Vilela, Lilian Freitas. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 792.0226

Bibliotecária responsável: Catharina Silva Gois - CRB/8 11323

LUANA BLASCO GOES CABRAL

INFÂNCIA E TEATRO: PERSPECTIVAS DE UMA MÃE-ESPECTADORA DE TEATRO PARA BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Arte-Teatro.

Trabalho aprovado em: 28/11/2024

Banca Examinadora

_____

Profa. Dra. Lilian Freitas Vilela

_____

Profa. Dra. Natália Tazinazzo Figueira de Oliveira

Há alguns anos, reflito sobre meus interesses na educação e nas infâncias. Em 2016, comecei a trabalhar como auxiliar de classe em um Centro de Educação Infantil, conveniado com a Prefeitura de Guarulhos. Essa oportunidade me permitiu adentrar no contexto escolar da primeira infância. Quando ingressei na graduação, já tinha vontade de pesquisar e trabalhar com as infâncias, e então, meu filho nasceu e tudo mudou e se transformou. Dedico e agradeço o caminho percorrido, principalmente a ele, por todo o aprendizado, transformação e amor que trouxe à minha vida.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta percepções sobre o teatro para a primeira infância, que é a fase da criança de 0 a 6 anos. E fundamenta minhas experiências como espectadora, arte-educadora e mãe. Desde 2021, assisto peças de grupos que desenvolvem pesquisas especialmente nesta área, em alguns teatros da cidade de São Paulo e no Município de Atibaia. Com os coletivos artísticos: Grupo Mão Na Luva, Cia Zin, Grupo 2mililitros e Grupo Sobrevento. Todas as vezes fui acompanhada da presença do meu filho, que atualmente tem quatro anos. Juntos, assistimos mais de oito espetáculos, participamos de uma oficina artística sensorial e de uma Mostra de Arte para a primeira infância, que incluiu rodas de conversa e atividades. Com esta experiência, evidencio como o teatro pode promover a conexão emocional entre famílias, além de estimular o desenvolvimento cognitivo e sensorial das crianças. Através dessas vivências também percebi que as propostas respeitosas e acolhedoras dos espetáculos não apenas entretêm, mas também enriquecem a formação integral dos pequenos. Em conclusão, a partir de minha própria experiência, considero que a vivência do teatro na primeira infância pode fortalecer laços familiares e contribuir significativamente para o desenvolvimento das crianças, oferecendo experiências transformadoras para todas as pessoas envolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Primeira Infância; Teatro Para Bebês; Arte-Educação Na Primeira Infância.

RESUMEN

Esta investigación presenta reflexiones sobre el teatro para la primera infancia, que es la etapa de los niños de 0 a 6 años. E informa mis experiencias como espectadora, educadora de arte y madre. Desde 2021, veo obras de grupos que realizan investigaciones especialmente en esta área, en algunos teatros de la ciudad de São Paulo y del Municipio de Atibaia. Con los colectivos artísticos: Grupo Mão Na Luva, Cia Zin, Grupo 2milliliters y Grupo Sobrevento. En cada ocasión estuve acompañada de mi hijo, que actualmente tiene cuatro años. Juntos vimos más de ocho espectáculos, participamos en un taller artístico sensorial y una Exposición de Arte para la primera infancia, que incluyó círculos de conversación y actividades. Con esta experiencia demuestro cómo el teatro puede promover la conexión emocional entre familias, además de estimular el desarrollo cognitivo y sensorial de los niños. A través de estas experiencias también me di cuenta que las propuestas respetuosas y acogedoras de los espectáculos no sólo entretienen, sino que enriquecen la educación integral de los niños. En conclusión, desde mi propia experiencia, considero que vivir el teatro en la primera infancia puede fortalecer los vínculos familiares y contribuir significativamente al desarrollo de los niños, ofreciendo experiencias transformadoras para todos los involucrados.

PALABRAS-CLAVES: Primera Infancia; Teatro Para bebés; Arte-Educación En La Primera Infancia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

FIGURA 1 - Lohan explorando objetos antes da peça começar. 18

FIGURA 2 - Construindo castelos. 19

FIGURA 3 - Experimentando novos sabores e sentindo novas texturas. 20

FIGURA 4 - Mesa sobre Teatro para bebês no Brasil com Sandra Vargas, Luiz Cherubini e Elenira Peixoto. 22

FIGURA 5 - Garatujas do Lohan. 24

FIGURA 6 - Emaranhando em Linhas. 25

FIGURA 7 - Encontros que o Teatro para bebês nos proporcionou. 26

FIGURA 8 - Sentindo e brincando com o vento. 28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 8
2 PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA E TEATRO, UM BREVE RECORTE 11
2.1 SENSIBILIDADES QUE A INFÂNCIA E O TEATRO NOS TRAZEM 11
3 TEATRO PARA BEBÊS: O TEMPO PRESENTE E O ENCONTRO DE AGORA 15
3.1 PERCEPÇÕES DE UMA MÃE-ESPECTADORA DE PEÇAS PARA BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS, ACOMPANHADA DA MINHA CRIANÇA PEQUENA .. 16
3.2 INFLUÊNCIAS E CONDICIONAMENTOS DOS ADULTOS NO TEATRO PARA BEBÊS 29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DE UM PERCURSO SENSÍVEL 31
REFERÊNCIAS 34
ANEXO A 34
ANEXO B 346
ANEXO C 347
ANEXO D 348
ANEXO E 349
ANEXO F 40
ANEXO G 41

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso, aborda o teatro para a primeira infância com um olhar para a experiência dos bebês e das crianças pequenas como espectadores de peças teatrais pensadas para sua faixa etária, especialmente entre o nascimento e os seis anos. Narro também minhas experiências como espectadora de peças para bebês e pesquisas correlacionando a infância e o teatro, sendo mãe do pequeno Lohan, uma criança no auge dos seus quatro anos e que foi minha companhia nestes processos de estudos.

Considero que o meu interesse pelas infâncias se expande no meu primeiro emprego, um Centro de Educação Infantil, no qual trabalhei como auxiliar de classe. No CEI aprendi muito e aumentou meu interesse em aprender com as crianças. Quando iniciei minha graduação em 2018, já tinha ciência em qual área gostaria de aprofundar os estudos sobre teatro e educação. Em abril de 2020, meu filho nasce e também estoura a pandemia de COVID-19, assim vivi e vivo enormes desafios, podendo estar presente e acompanhar até então, sua infância de perto.

O que mais me moveu nesta pesquisa foi perceber a sensibilidade das crianças quando vivenciam uma experiência artística como uma peça, e assim, refletir sobre o jeito que veem e entendem o mundo e a relação delas especificamente com o teatro. Das vezes que pude ver espetáculos para bebês e crianças pequenas, notei particularidades que permeavam minha maternidade. Entendi que inserir meu filho neste caminho em descoberta da arte, agregaria muito em várias particularidades de nossas vidas, assim pude criar vínculos através do teatro e observar as mudanças no seu desenvolvimento.

Neste percurso, reflito também sobre as peças em que assisti, pensadas para este público e que trazem poética sem permitir que o conteúdo delas subestime o entendimento, inteligência e percepção da cena que todo ser humano possui assim que nasce. E enfatizar como o adulto pode interferir nesse processo, muitas vezes podendo atrapalhar na autonomia da criança. Um comportamento de superioridade do adulto frente às infâncias que está inserido na sociedade como um todo. Reflito: como e quando nós adultos perdemos a sensibilidade com as infâncias, sendo que todos nós passamos por esta fase de desenvolvimento tão importante da vida?

A primeira seção deste trabalho tem como título: “Primeiríssima infância e teatro, um breve recorte” e traz um resumo sobre a complexidade do conceito de infância no Brasil e sua evolução desde o período colonial. Junto com a subseção: “Sensibilidades que a infância e o teatro nos trazem” que falam sobre uma das fases de desenvolvimento mais importantes da vida, a primeira infância. E como nesta fase, a sensibilidade, o afeto, a criatividade, a busca e a descoberta são aguçadas e o papel do teatro que dá base artisticamente para tais desenvolvimentos. Assim, o papel do adulto é fundamental, mas deve ser feito com cuidado para não comprometer e subestimar a individualidade do bebê e da criança pequena, pois toda pessoa, tem sua capacidade de sentir e compreender o mundo, pois: "A criança não é um recipiente passivo onde se depositam as informações, mas um construtor ativo que organiza suas experiências." (Piaget, 1966, p. 45)

A segunda seção, cujo o título é: “Teatro para bebês: o tempo presente e o encontro de agora”, apresenta o teatro para bebês como um convite para que os adultos vejam o mundo sob a perspectiva dos bebês, com calma e valorizando o momento e a simplicidade do agora. Após, apresento uma subseção intitulada: “Percepções de uma mãe-espectadora de peças para bebês e crianças pequenas”, na qual relato experiências como espectadora de teatro para bebês juntamente com o meu filho. Assistimos algumas peças de algumas companhias de teatro que pesquisam a primeira infância, como por exemplo: Grupo Mão Na Luva[1], Cia Zin[2], 2 Mililitros[3] e Grupo Sobrevento[4]. Também participamos de uma oficina sensorial e a Mostra PIPA- Primeira Infância e Propostas Artísticas. Por último, a subseção: “Influências e condicionamentos dos adultos no teatro para bebês”, na qual é abordado a influência de algumas experiências da infância, destacando como a repressão de sentimentos e imposições vindas de adultos, podem interferir no desenvolvimento de uma criança. Mostra também o outro lado, agora como mãe e

[1] Grupo de Teatro de São Paulo, formado em 2004, através de uma oficina do Grupo Sobrevento sobre Teatro de Animação. Giuliana Pellegrini, Sandra Vargas e Sueli Andrade são as atuais integrantes deste grupo.

[2] Grupo de Teatro focado na primeiríssima infância que iniciou as apresentações da sua primeira peça em 2011. Com Elenira Peixoto e Fafi Prado como integrantes fixas, a Companhia também apresenta trabalho com pessoas convidadas.

[3] Grupo de Teatro que se inicia de uma parceria de duas atrizes, Thiane Lavrador e Júlia Mariano, com interesses de pesquisas nas infâncias e juventudes.

[4] Grupo de Teatro, reconhecido internacionalmente com foco no Teatro de Animação e que iniciou seus trabalhos em 1986. Seus integrantes atualmente são: Sandra Vargas, Luiz André Cherubini, Maurício Santana, Anderson Gangla, Agnaldo Souza, Marcelo Amaral, Sueli Andrade e Liana Yuri.

pessoa adulta, na tentativa de quebrar ciclos e promover mais autonomia. E assim, é refletido como todo este contexto pode influenciar a experiência dos bebês e crianças pequenas ao assistirem peças de teatro junto com seus responsáveis.

As “Considerações finais de um percurso sensível” é uma síntese sobre os principais pontos abordados no trabalho, as problemáticas encontradas reafirmando a necessidade de práticas mais respeitosas e acolhedoras com as infâncias na sociedade e no teatro. Também revelo desejo de seguir pesquisando e aprendendo com os bebês e crianças.

Durante o trabalho construo diálogos com autoras e pesquisadoras na área da infância, do teatro e da educação, como por exemplo, Marina Marcondes Machado (2010) e Adriele Nunes (2017).

2 PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA E TEATRO, UM BREVE RECORTE

> Aqui arte não será uma linguagem na qual adultos alfabetizam crianças: arte é um lugar para habitar.
>
> (Machado)

2.1 SENSIBILIDADES QUE A INFÂNCIA E O TEATRO NOS TRAZEM

Tratar sobre infância é um tema muito amplo. Acredito ser importante pensar o que atravessa as muitas infâncias. Por questões econômicas, culturais, religiosas, étnico-raciais e de gêneros, em um país com tanta diversidade e, ao mesmo tempo, com questões sociais profundas e complexas como é o Brasil.

Se considerarmos a concepção de infância correlacionada com a educação, desde o período colonial, teremos evoluções significativas. Neste ponto de início, a infância era considerada como algo menor e não havia cuidado nem preocupação em relação a ela, a criança trabalhava nos afazeres da casa e a educação era restrita somente para famílias com poder, além disso, era ligada diretamente à igreja Católica (Ariès, 1981). No século XIX, com o Império e os processos de urbanização, a infância começou a ser vista como uma preparação para o trabalho e a vida adulta. A educação começou a ser levada em consideração também com a criação inclusive de escolas públicas, porém, ainda não era acessível para as crianças pobres (Kuhlmann Jr. e Fernandes, 1996).

Somente no período da República, a escola começou a ser um espaço além de aprendizado, de socialização e formação moral. A Era Vargas (de 1930 a 1945) reafirmou a educação como disciplinadora e introduziu leis trabalhistas, tirando as crianças do mercado de trabalho para a inserção nas escolas (Pilotti e Rizzini, 1995). Com a ditadura militar e a repressão, nas décadas de 1960 a 1980, os movimentos sociais e da educação sofrem uma grande defasagem, o que aumentou ainda mais a desigualdade social.

Já com a Redemocratização e a Constituição de 1988, há um grande marco para a infância no Brasil, com o reconhecimento de direitos e proteção à criança e ao adolescente. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), surge em 1990,

consolidando a infância como uma fase que requer cuidados, atenção e proteção. A partir daí, a educação não era mais um privilégio e sim, um dever do Estado, com políticas públicas focadas na unificação do ensino básico e na garantia de igualdade de acesso para todas as crianças (ECA, 1990). O ECA assegura que a educação deve ser integral e inclusiva, promovendo o desenvolvimento intelectual, social, emocional e artístico da criança e do adolescente. A arte é um direito e tem papel essencial de expressão, formação de identidade e de participação na cultura, reconhecendo seu valor para o desenvolvimento pleno do indivíduo. Esses direitos enfatizam a ideia de que o acesso à educação e à cultura é fundamental para a formação do ser humano, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

No século XXI, as políticas educacionais continuaram a se expandir, com programas de inclusão, combate à evasão escolar e melhoria da qualidade do ensino. No entanto, desafios como a desigualdade social, a violência nas escolas e a falta de recursos ainda limitam a efetividade dessas políticas, demonstrando que a correlação entre infância e educação no Brasil é contínua e delicada (Oliveira, 2008).

É relevante pensar sobre como o conceito de infância foi se transformando ao longo do tempo, passando por fases nas quais as crianças não eram protegidas e nem reconhecidas com direitos, até os dias de hoje que apesar da desigualdade social, já existem leis de proteção à criança. Tenho ciência de que este não é o tema central da pesquisa, mas como discente, para pensar em arte, sobretudo, o teatro na infância, se faz necessário refletir primeiro sobre questões de acesso e pertencimento, tanto no passado quanto atualmente.

Quem tem acesso à arte e educação? Quais são as condições estruturais que garantem o incentivo à produção ou apreciação da arte? Seria maravilhoso se pudéssemos dizer que temos igualdade social mesmo sabendo que há anos de luta e leis que assegurem tal, mas ainda não é a realidade atual no nosso país. Então, a arte e a educação são instrumentos poderosos de reflexão, protesto e crítica ao sistema imposto. O Teatro, uma forma de arte que especifico neste trabalho, dá visão e capacidade para subverter as normas sociais e ideológicas dominantes. “À burguesia nada parece mais perigoso para crianças do que o Teatro” (Benjamin, 2011, p.114).

Apresentado esses aspectos, podemos adentrar em outros contextos. Atualmente, sabe-se que a primeira infância, a fase entre zero e seis anos de vida da

criança é de extrema importância. Há um rápido e ao mesmo tempo complexo desenvolvimento que dá base para o restante da vida. Considero que esta fase, por si só traz sensibilidade, afeto, espontaneidade, imaginação e a personificação de forma natural. As muitas possibilidades de ser criança, me fazem relacionar a linguagem teatral e a performática, já que “A criança é performer”, como destaca Marina Marcondes Machado (2010). Em seu artigo que faz interlocução com o que estudiosos da cena contemporânea e denominam performance e performer propondo uma visão de criança performer, voltando os olhares para a Pedagogia Teatral e a Educação Infantil.

A infância dá espaço para descobrir, experimentar, imitar, explorar, expressar, criar e jogar. Uma criança livre para ser o que condiz com sua essência, floresce. Logo, podemos ver seu desenvolvimento cognitivo e emocional evoluir também.

O teatro voltado para a primeira infância propõe reinventar-se com outros diálogos para e com as crianças. Ele tem relação com teatro pós-dramático e pós-moderno, nos quais não são separados os conhecimentos racionais, imaginativos e corporais. As peças também são focadas na experiência do público infantil, em um contato com um universo sensorial e estético próprio, possibilitando que sejam vivenciadas experiências de forma muito ativa. Além disso, este tipo de teatro traz questões e reflexões relacionadas exclusivamente às crianças de forma artística, social e pedagógica. Conforme Machado (2010), a estrutura pós-dramática e as crianças pequenas se conectam no modo de ser: não há lógica formalizada, o tempo e espaço são modificados, há improvisação sempre e proximidade com vivências e narrativas. Apesar do conceito de infância ter mudado muito historicamente, hoje reconhecemos um pouco mais a criança como um ser que tem capacidade de construção de pensamento crítico e poético desde bebê, mas claro, dentro das suas limitações de cada faixa etária. Isso quer dizer que a criança não é um ser em branco, ela tem bagagem, conhecimento, raciocínio e está em constante aprendizado. Pode ser interessante pensar assim, pois todos já foram crianças um dia, cada um na sua infância e com sua vivência, que estão em constante evolução do ponto de vista histórico. No entanto, sobretudo ao desbloquearmos este pensamento, ampliamos nosso olhar e cultivamos mais sensibilidade com as pequenas coisas.

Quando falamos sobre teatro feito para crianças, há um considerável crescimento nos últimos anos, nota-se uma repercussão onde o tema é discutido.

Porém, é importante enfatizar que a sociedade ainda menospreza muito a criança, como se ela não fosse capaz de ter percepções e vontades próprias e serem sensíveis o suficiente para terem entendimento de algumas situações. A subestimação do olhar do adulto com a criança é notada em vários contextos da vida e do cotidiano, assim quebrar esse ciclo torna-se necessário.

Precisamos pensar nas crianças a partir do que elas são, pois, ainda sim, a voz do adulto está cercada de “achismos” sobre elas. E no teatro, tal pensamento também se faz presente. Muitas vezes, o teatro infantil é visto como menor, como se fosse muito mais fácil criar produções artísticas para elas, já que seria aceito qualquer coisa. Nós adultos, medimos tudo com a nossa régua cheia de julgamentos, determinando o que é para criança ou não. E por muitas vezes, colocamos a maioria das coisas que remetem a criança (artísticas ou não) no diminutivo, por exemplo: o “teatrinho”, a “criancinha”, a “pecinha”, o que soa com uma certa desvalorização. Assim, é possível refletir a relevância que damos para este universo infantil.

Outro ponto a destacar é a comercialização do teatro infantil que é usado como entretenimento sem preocupação com valores culturais e qualidade estética e por vezes, deixa ainda mais nítido a desvalorização e subestimação da criança. O descaso de parte da classe teatral e a busca pelo lucro desenfreado também se reflete na comercialização das peças para o público infantil e o pensamento de que a grande maioria das peças produzidas são de cunho didático e cheio de moralismos, descartando o olhar artístico e crítico inerente ao ser humano. Assim, muitas vezes, não é explorado o lado poético e intenso da infância. A grande maioria dos espetáculos para este tipo de público é cheio de cores vibrantes, cenografias chamativas, sonoplastia suave e cheia de alegria, a dramaturgia repleta de humor frágil, no final, um desfecho com lições de moral ou intenções didáticas.

Como qualquer outro tema da arte, o teatro para bebês e crianças pequenas, é um espaço para muita pesquisa e fruição artística. Então, como já comentado, nos últimos anos as pesquisas sobre o tema aumentaram e foram surgindo companhias teatrais focadas nesta temática, além daquelas que são pioneiras no Brasil, como por exemplo o Grupo Sobrevento. Tive a oportunidade de conhecer algumas companhias de São Paulo que trabalham com teatro na primeira infância de uma forma sensível e crítica e ao longo dos próximos capítulos contarei como foram estas vivências.

3 TEATRO PARA BEBÊS: O TEMPO PRESENTE E O ENCONTRO DE AGORA

Esta seção aborda brevemente sobre como os bebês e as crianças pequenas podem ensinar os adultos a se colocar no momento presente. Um adulto com sua forma ansiosa e condicionada de ser e estar no mundo, pode muitas vezes, influenciar os processos naturais que uma criança, sobretudo na primeira infância, vivencia. Já os bebês e as crianças pequenas se colocam abertos para o agora. E isto é notável quando chegamos para assistir peças teatrais, cujo este é o público-alvo.

> Proponho pensarmos analogamente àquilo que chamamos de recepção de espetáculos teatrais e performances e refletir sobre a atitude da criança pequena encontra-se no colo, no berço, recostada no bebê conforto, no chão, rodeada ou não por almofadas quando começa a habilitar-se para sentar. Existe um grau muito alto de abertura e sensorialidade para com tudo aquilo que se passa diante dela, e poderíamos dizer: a criança pequena é excelente espectadora. (Machado, 2010, p. 13).

Neste processo de pesquisa, em que saí para assistir alguns espetáculos e tive contato com muitas famílias, pude ver bebês e crianças que foram pela primeira vez numa peça teatral e suas reações eram variadas. Todos estavam muito dispostos para conhecer o novo, com o olhar atento, vontade de explorar e o corpo aberto. As crianças tem ótimas vantagens de ter o pensamento no presente, sem preocupações, podem se colocar no mundo de forma muito coerente com o momento em que vivem.

Nos percursos com o meu filho para o teatro, aconteceram algumas situações em que eu me coloquei ansiosa e até considero que interrompi processos criativos e curiosos dele, o que narro posteriormente. Mas com isso, reflito, sobre as estruturas mencionadas.

A próxima subseção, que eu nomeei de: “Percepções de uma mãe-espectadora de peças para bebês e crianças pequenas.” traz alguns pontos e percepções que eu tive como espectadora de algumas peças para este público e mãe do pequeno Lohan, que foi minha companhia e principal espectador, que adentrou junto comigo nesta aventura cheia de poética e significado. Também relato um pouco do olhar do Lohan sobre estas vivências. Já a última subseção deste capítulo: “Influências e condicionamentos dos adultos no teatro para bebês.” e proponho uma reflexão e resgate da infância com pontos sobre a imposição das ações de um adulto desconsiderando vontades, sentimentos e emoções de uma criança, relacionando o que vi e senti nas peças em que assisti.

3.1 PERCEPÇÕES DE UMA MÃE-ESPECTADORA DE PEÇAS PARA BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS, ACOMPANHADA DA MINHA CRIANÇA PEQUENA

A primeira experiência assistindo um espetáculo para bebês foi com o grupo Mãona Luva Bonecos e a peça que se chama: “Ser você e ainda ser eu”, em outubro de 2021, no Teatro Flavio Império[5], localizado no Bairro do Cangaíba, Zona Leste da Cidade de São Paulo. Foi também a primeira vez que saí com o meu filho, que na época tinha dois anos e seis meses, depois da longa e horrível pandemia do COVID-19. Lembro-me de chegar no teatro sem saber o que esperar e um pouco tensa por conta do período recluso em que vivemos na pandemia. Logo, uma pessoa da produção foi ao foyer do teatro e passou alguns recados antes do espetáculo começar. Foram recados e combinados que diziam sobre a estrutura da peça: onde nos sentaríamos, já que geralmente as peças para bebês e crianças pequenas propõem sentar-se diretamente no palco, perto do cenário, como uma tentativa de agachamento.

> ...agachar-se é ir ao chão, onde a criança está. Muitos acham que estou sendo literal, querendo que os adultos vivam por aí abaixados... A questão é e não é metafórica: se não me dou bem no chão, uso uma cadeirinha ou outro recurso, mas é importantíssimo ter inúmeros momentos de conversa e convivência na mesma altura da criança pequena. E, em termos metafóricos, agachar-se é a atitude de procurar o ponto de vista da criança, de modo a compreendê-la e conversar com ela – mesmo que para apontar outros pontos de vista. (Machado, 2015, p.3)

Foram dados recados também sobre o direcionamento do adulto com a criança durante o espetáculo: assim, abria-se uma reflexão já de antemão, pois eles afirmavam confiar na capacidade interpretativa, poética e imagética tanto dos bebês quanto de crianças pequenas e seus olhares deveriam ser então, voltado para onde fizesse sentido para elas. O adulto não deveria mostrar ou explicar para a criança o que estaria acontecendo na peça. Conversaram sobre o acolhimento e a calma com os bebês que por qualquer motivo sentissem desconforto, chorarem ou precisarem, poderiam sair e retornar quando quisessem também. E por último, avisaram que em dado momento as crianças poderiam adentrar no espaço cênico e interagir como quisessem. Todos esses recados serviram meramente para controlar a ansiedade do adulto, nada disto servia às crianças, os adultos que necessitam dos avisos para saber

[5] Inaugurado em 1992, o Teatro Flávio Império passou por uma reforma e reabriu suas portas em fevereiro de 2015. É um espaço público que recebe muitas atividades culturais gratuitas.

o que iria acontecer e ter um mínimo de controle sobre tudo, o que diz muito sobre nós, pessoas adultas. Nesse dia, meu filho estava agitado, mas quando se sentou nas almofadas e a peça começou, ele ficou muito concentrado nos detalhes e diversas vezes interagiu com os atores, os sons e o cenário.

Depois de algum tempo, assisti a mesma peça com o meu filho na Biblioteca Mario de Andrade[6], localizada no bairro da República, no Centro da Cidade de São Paulo. Foi interessante perceber as mudanças tanto da peça, por exemplo, as mudanças de cenas e no cenário, quanto o olhar do meu filho sobre, até por ter crescido um pouco e mudado suas formas de se expressar e de enxergar o mundo. Reflito assim, como o tempo nos transformou!

Antes de começar o espetáculo, havia um cantinho para que as crianças fossem chegando, brincando e conhecendo um pouco alguns materiais. Eram tecidos, chocalhos, pedras, potes, garrafas com água colorida, bolinhas de gude e bolinhas de vários tamanhos também. Um momento bem acolhedor, para que as crianças desbravassem e sentissem num lugar descontraído e assim, com menos pressa e ansiedade que muitas vezes o adulto transfere a elas ali naquele primeiro momento de chegada. Lohan ficou o tempo que foi necessário para ele estar ali e descobrir como cada material era, seu barulho, seu cheiro, seu tamanho e como ele ocupava aquele espaço, como observado na Figura 1. Logo depois, alguns recados foram passados e fomos convidados a ir para o teatro, onde o espetáculo aconteceria. Nós nos acomodamos nas almofadas que estamos no chão e aguardamos o início. Havia muitas crianças com suas famílias, então todos tiveram o cuidado de pensar o melhor lugar para que as crianças enxergassem, as menores na frente e as maiores atrás. Foi interessante perceber o cuidado que o coletivo teve com as crianças para que a experiência não fosse frustrada de algum jeito.

[6] Biblioteca Mário de Andrade, situada no coração de São Paulo, foi a primeira biblioteca pública da cidade. Criada em 1925 a partir do acervo da Câmara Municipal, ela se estabeleceu ao longo dos anos como uma das mais relevantes instituições culturais do Brasil.

FIGURA 1- Lohan explorando objetos antes da peça começar.



Fonte: Arquivo pessoal. Luana Blasco Goes Cabral (2023).

Esta peça conta sobre uma das atrizes, desde a barriga da mãe, que também é atriz da peça, até os anos iniciais de vida. Narra a trajetória de formação do ego e as fases do crescimento de forma muito poética, usando metáforas. Enquanto a encenação acontecia, havia músicos que tocavam instrumentos usando também sons graves e agudos, assim, construíam a sonoplastia da peça com músicas sem elencar o que seria infantil ou não. Era interessante ver como os bebês reagiram a sons mais fortes, graves ou melancólicos, um tipo de sonoridade que geralmente os adultos não colocam para crianças. No cenário, as cores predominantes eram cores mais neutras, uma lira era utilizada em dado momento, alguns guarda-chuvas também, muitos objetos no chão, como por exemplo, tecidos de vários tamanhos e texturas e uma farinha branca que acredito ser farinha de trigo (conforme demonstrado na Figura 2). Uma boa recordação que marcou esse dia foi quando as atrizes pegaram bacias transparentes com água e foram interagir com os bebês. Elas se posicionavam em cima dos bebês que estavam sentados no chão e mergulhavam o rosto dentro da

bacia com água fazendo bolhas e um barulho bem alto. As reações eram variadas, mas meu filho deu uma boa gargalhada nas duas vezes que assistimos. Inclusive, na última apresentação, ele já era maior e como sua fala estava mais desenvolvida, ele fez várias observações engraçadas sobre a música, os adereços cênicos e a performance das atrizes, mas nessa parte especificamente, ele observou que faziam bolhas grandes e pequenas.

Depois da peça, participamos de uma oficina proposta pelo o grupo chamada: “Despertar os Sentidos”, na qual os bebês e seus acompanhantes partiriam para uma descoberta de sentidos, cheiros, texturas, sabores e cores (Figura 3). Numa sala era colocado à disposição dos bebês algumas plantas comestíveis, farinha de milho, farinha de trigo, goma de tapioca e água para misturar com os outros elementos e assim, era possibilitado que o espaço e elementos sejam explorados para uma experiência com descobertas. Lohan experimentou algumas plantas alimentícias não convencionais, algumas foram aprovadas por ele, para outras foram deixados apenas caretas e então eu entendi a mensagem. Ele tinha uma relutância em comer principalmente folhas verdes, mas naquele dia, achei interessante que mesmo assim, ele se permitiu experienciar novos sabores (mesmo as folhas verdes).

FIGURA 2- Construindo castelos.



Fonte: Arquivo pessoal. Luana Blasco Goes Cabral (2023).

FIGURA 3- Experimentando novos sabores e sentindo novas texturas.



Fonte: Arquivo pessoal. Luana Blasco Goes Cabral (2023).

Em junho de 2023, fui para a Mostra Primeira Infância e Propostas Artísticas-PIPA, na Associação Teatral de Atibaia (ATA)[7], no munícipio de Atibaia, São Paulo. Nesta Mostra assisti “Os Céus e Suas Histórias” da 2 Mililitros Cia Teatral e participei de uma roda de conversa chamada: “O Teatro para bebês no Brasil”, com os convidados: Sandra Vargas e Luiz André Cherubini (Grupo Sobrevento) e Elenira Peixoto (Cia Zin). Naquele dia, meu filho, o pai dele e eu saímos da Rodoviária do Tietê, de ônibus, bem cedinho para que desse tempo de chegar com calma e assistir tudo o que tínhamos programado. Chegando na Rodoviária de Atibaia, ainda tivemos que andar cerca de vinte minutos até a Associação Teatral de Atibaia, onde iniciaria as programações do evento. Nesse percurso a pé, meu filho se encantava com os

[7] Espaço com atividades e programações culturais e artísticas da Cidade de Atibaia.

estilos das casas, parava para olhar paisagens, escutar o vento, olhar as árvores, pegar as pedrinhas, galhos e folhas do chão e ver o percurso das formiguinhas carregando folhas na terra. Tudo isso no tempo presente, no agora, sentindo o que cada sensação o despertava e explorando o que despertasse sua curiosidade, assim como a essência de uma criança. Já seu pai e eu, estávamos apressados, por vezes irritados com suas pausas, preocupados com o que nem havia começado e pensando no depois. Novamente, os adultos trazem ansiedade e colocam suas prioridades acima das experiências e descobertas que as infâncias trazem. Essa reflexão pude fazer depois da roda de conversa, onde os convidados trouxeram relatos parecidos, falando de suas percepções como artistas de peças infantis. “Os bebês nos ensinam a escutar de novo, pois em algum momento isso é perdido” (informação verbal [8]).

A mesa de discussão desta roda de conversa tinha como tema: “O teatro para bebês no Brasil” e estavam presentes: Sandra Vargas[9] e Luiz Cherubini[10] do grupo Sobrevento, Elenira Peixoto[11] da Cia Zin e também Júlia Mariano e Thiane Lavrador[12] que são integrantes da Cia 2mililitros (Figura 4). Considero que foi muito importante pensar junto com pessoas interessadas nas infâncias e na pesquisa do teatro para estas infâncias. O teatro para bebês e crianças pequenas é sensível, de afeto, de calma, de delicadeza, de respeito e que aguça os sentidos da criança. Muitas falas me atravessaram naquele dia e me fizeram refletir o quanto isso tudo é uma dimensão política, é um estilo de fazer artístico que condiz com o coletivo e que não pode ser hierárquico. A escuta, que ao longo da vida adulta é perdida, é trazida de novo como primordial quando se fala em arte para a infância e quem nos dá esse movimento são as crianças.

Logo depois, assistimos a peça da Cia 2 mililitros que chamada: “Os Céus e suas Histórias”, que conta a história de Annie, uma cientista que projetou sua câmera fotográfica. Com elementos da dança, luz, teatro de animação e jogos cria-se uma atmosfera para uma viagem interespacial. Uma peça muito visualmente muito bonita, com jogos de luz e que deixaram o público encantado. Lembro que no momento que

[8] Fala de Sandra Vargas na Mostra Pipa, em Atibaia- SP, no ano de 2023.
[9] Atriz, com habilitação em Interpretação Teatral, é uma das principais fundadoras do Grupo Sobrevento.
[10] Ator, formado em Direção Teatral, é também um dos principais fundadores do Grupo Sobrevento.
[11] Formada em Atuação, é uma das principais fundadoras da Cia Zin.
[12] Atrizes integrantes da Cia 2Mililitros.

a peça começa a ser interativa e as crianças podem adentrar no espaço cênico, meu filho ficou muito admirado com o cenário e os adereços.

FIGURA 4- Mesa sobre Teatro para bebês no Brasil com Sandra Vargas, Luiz Cherubini e Elenira Peixoto.



Fonte: Arquivo pessoal. Luana Blasco Goes Cabral (2023).

Os dois últimos espetáculos foram vistos no Teatro Alfredo Mesquita[13], localizado na Zona Norte de São Paulo, que inclusive, esteve com esse tipo de programação em alguns domingos todos os meses neste ano. O primeiro espetáculo chamado “Linhas” da Cia Zin, foi no ano passado. Ao chegar no teatro, encontramos um espaço no chão para que as crianças desenhassem, uma grande cartolina e vários giz de cera coloridos. Ali me sentei e fiquei observando os traços do meu filho,

[13] O Teatro Alfredo Mesquita foi inaugurado no dia 1 de dezembro de 1988. Construído num terreno vago da Prefeitura de São Paulo. Hoje é utilizado em apresentações de espetáculos de dança, teatro e abriga uma pequena orquestra.

pensando em como sua coordenação motora evoluiu, enquanto ele desenhava livremente, conforme a Figura 5. Assim que nos avisaram que a peça começaria nós entramos e novamente o cenário me cativou (é observado parte do cenário na Figura 6), sinto que cada vez que vou assistir uma peça para bebês fico encantada com a criatividade e a beleza do cenário, percebo o quanto é aconchegante estar lá. A iluminação também é muito bonita e agradável do começo ao fim, as crianças se sentem tão à vontade que em dado momento as luzes se apagam totalmente sem ninguém chorar. Esse espetáculo, diferente dos outros, não tem nenhuma palavra em nenhum momento, as atrizes fazem blablação[14] (substituição de palavras por configurações de sons) e usam a linguagem corporal. As crianças que já sabiam falar (como era o caso do Lohan), por vezes narravam o que elas entendiam ao longo da encenação e se estabeleceu quase que um jogo teatral em alguns momentos.

Este espetáculo conta a história do processo do desenho infantil. Inicialmente, as atrizes descobrem suas mãos e depois percebem o que podem fazer com elas, então as garatujas aparecem (desenhos simples e primeiras linhas desordenadas que estão muito presentes no início da infância), depois as primeiras linhas mais ordenadas depois que a coordenação motora já está um pouco mais aprimorada, até a formação da figura humana. Elas instigavam a imaginação das crianças e no final convidaram para adentrar no espaço cênico de forma brincante.

Algo que me marcou naquele dia foi que antes de entrar no teatro, ao conversar com uma das mães que também esperava a peça começar, ela me contou que nunca tinha ido ver uma peça de teatro na vida e decidiu levar seu filho pequeno para vivenciar essa experiência com ela. Então eu me emocionei, achei lindo esse carinho e vontade de criar conexões com o filho através da arte e viver algo que nunca viveu junto com ele.

[14] A blablação é usada com expressões corporais, gestos ou tom de voz e é uma expressão vocal acompanhada com ações. Um recurso que pode ser muito utilizado no Teatro para bebês, pois pode aproximar o público e ativar a imaginação.

FIGURA 5- Garatujas do Lohan



Fonte: Arquivo pessoal. Luana Blasco Goes Cabral (2023).

FIGURA 6- Se emaranhando em Linhas



Fonte: Arquivo pessoal. Luana Blasco Goes Cabral (2023).

Em 2024, assistimos o espetáculo “Meu Jardim” do Grupo Sobrevento. Destaco aqui este espetáculo, pois me encantei com ele do começo ao final. O espetáculo mostra um homem que está entediado e que certa vez, decide criar um jardim, cheio de animais, plantas e flores. Durante toda a peça ele busca elementos para este jardim e tenta compô-lo com o que encontra no caminho. A peça é muito poética, com o cenário e os adereços únicos que podem representar a cultura do nordeste brasileiro, por exemplo a cerâmica, objetos de barro, chapéus de couro, cestas trançadas, o que também podem ser de qualquer outro país. A mensagem de esperança e vida, me fizeram ter um olhar diferente para esta peça. A cena do desfecho me encheu de alegria, bebês e crianças no espaço cênico, explorando e brincando, enquanto o personagem principal elenca a todos como participante de seu jardim perfeito. Neste

dia tive uma ótima surpresa de encontrar uma colega que era da minha sala durante a graduação, ela estava junto com uma amiga que levou sua bebê Duda, de apenas nove meses de idade (Figura 7). Era a primeira vez que elas assistiam uma peça para bebês e a primeira vez que a Duda ia ao teatro. Observei muito as reações da pequena Duda e onde o seu olhar adentrava, em algumas partes ela teve impulsos de entrar no espaço cênico ainda que engatinhando, outras ela recuava para o colo de sua mãe, mas o tempo todo, Duda prestou atenção em algum lugar do espaço cênico.

> O que de início parece engraçado
> Afinal de contas, o que é que um bebê vai entender no Teatro?
> Revela-se, de repente, uma surpresa:
> Já não fazia tempo que havíamos chegado ao consenso
> De que a Arte não tem que ser entendida? (Sobrevento, 2017)

FIGURA 7- Encontros que o Teatro para bebês nos proporcionou.



Fonte: Arquivo pessoal. Luana Blasco Goes Cabral (2024).

No dia 29 de setembro de 2024, Lohan e eu fomos ver outro espetáculo. Desta vez era o trabalho da Cia Zin, uma companhia de teatro que pesquisa o teatro para bebês desde 2009. Foi o segundo espetáculo desta companhia que assistimos. Neste domingo, eu acordei cedo para me preparar para a sessão às onze horas e fui em direção ao Teatro Alfredo Mesquita, mais uma vez apressada, pois sabia que iria chegar em cima da hora. Calculei o horário que seria bom para sair, tempo de espera do ônibus, tempo do trajeto do ponto até o local, arrumei mochila com algumas coisas que quando se saí com crianças, não podemos deixar para trás. Ao descer do ônibus já próximo ao local, meu filho estava olhando a paisagem e percebendo também os aviões que estavam sobrevoando a região, já que estava acontecendo um evento no Campo de Marte, que fica próximo, mas eu estava com preocupada em me atrasar muito e por isso, ficava apressando ele o caminho todo, o que notavelmente é pior, pois uma criança que fica entediada ou quer descobrir lugares e brincar, fica mais agitada e mais irritada também. Até que chegamos na frente do Teatro e eu percebi que não tinha ninguém lá, só nós e um segurança. Indaguei sobre o espetáculo que supostamente já deveria ter começado, quando o segurança disse que a peça que teria lá, estava programada para começar a partir das dezesseis horas. Eu fiquei indignada com o possível furo da apresentação e abri novamente a postagem no Instagram onde vi a divulgação e me deparei com a minha falta de atenção e pressa que acabou me fazendo ir ao teatro errado. Confundi os teatros, pois achei que seria no Teatro Alfredo Mesquita pela programação frequente para bebês e crianças pequenas, porém o espetáculo estava acontecendo no Teatro Arthur Azevedo[15], no bairro da Mooca, Zona Leste de São Paulo. Meu filho que estava muito ansioso o caminho inteiro, ficou frustrado e foi difícil lidar com a nossa frustração pela minha falta de atenção. Então seguimos no caminho com a programação do restante do dia e às 16 horas eu já sabia que teria outra sessão desta peça no Teatro Arthur Azevedo. Por fim, conseguimos ver a peça “Invento para ventar”. A dramaturgia é muito poética e tem o objetivo de dar visibilidade para o que não é visível, assim como o vento, abrindo novas possibilidades para o nosso imaginário. Com um misto de teatro e dança, a peça conta a história de três passarinhas que sentem o vento cada vez mais diminuir, em um mundo com tantos obstáculos. O modo como retratam a natureza traz mais intimidade com ela pois, para as crianças brincar é criar conexões. Ao assistir o meu

[15] Teatro público, da Secretaria de Cultura de São Paulo, que surgiu no século XIX.

filho brincar naquela tarde (conforme mostra a Figura 8) e ao assistir este espetáculo sensível e cheio de poesia, pensei em como a criança leva consigo a especificidade de olhar o mundo e todas as coisas ao seu redor como se fosse a primeira vez, carregando sempre um estado de reinventar e redescobrir novas possibilidades de ser e estar no mundo.

> O que eu aprendi com o vento é que ele faz questão de não se fazer ver para lembrar a gente de sentir. O que eu aprendi pesquisando as primeiras infâncias é que os bebês sentem o mundo e assim nos fazem lembrar de senti-lo também. E quando vi as crianças brincando com o vento, me perguntei se eram elas que brincavam com o vento ou se era o vento que brincava com elas? Foi aí que percebi que o vento e as crianças são feitos da mesma matéria: o horizonte.
> Será por isso dizem que as crianças são cabeça-de-vento? Cabeça cheia de ideias.
> de imaginação.
> Cabeça-de-vento.
> Não sei. (Celestino, 2024, Folder)

FIGURA 8- Sentindo e brincando com o vento.



Fonte: Arquivo pessoal. Luana Blasco Goes Cabral (2024)

Todas as vezes que prestigiei os espetáculos para bebês e crianças pequenas, levei meu filho comigo, atualmente com quatro anos de idade. Até hoje ele adora ver peças de teatro. Sempre me senti motivada a proporcionar esse contato e faço isso por perceber que ele gosta, percebo que a criança tem uma sensibilidade muito aflorada para a arte. Se nós, adultos, aproveitarmos para colaborar nesse processo de desenvolvimento, certamente teremos pessoas mais afetivas e críticas também. Quando me coloquei aberta para esta experiência junto ao meu filho, pude fortalecer laços e conexões, também criar memórias únicas com ele, além de apresentar um universo artístico. Acredito que se inserir na linguagem teatral para bebês e crianças pequenas é ter escuta constante e se colocar para o jogo também, as crianças podem nos ensinar muito mais do que imaginamos.

3.2 INFLUÊNCIAS E CONDICIONAMENTOS DOS ADULTOS NO TEATRO PARA BEBÊS

Resgatando a minha infância, pude relembrar de algumas situações que me marcaram, pensando em momentos em que adultos falaram ou agiram de forma que me influenciasse. Em geral, quando havia comportamentos considerados negativos eram quase sempre podados por eles, como por exemplo, o choro e a raiva. O que contribuiu de uma forma que reverbera ainda hoje, pois ainda sinto receio de compartilhar tais sentimentos. Outro resquício que posso lembrar é de quando eu recebia críticas constantes pelos meus erros, evidenciando sempre as partes negativas das minhas ações. Isso trouxe sensação de fracasso e a insegurança aparecia me fazendo acreditar que eu não conseguiria e uma parte ainda trago comigo. Por fim, também me recordo que decisões impostas por adultos eram frequentes e hoje percebo que tomar decisões boas e sozinha, podem ser muito difíceis e conflituosas para mim.

Hoje, como mãe, lido com estas questões e entendo a complexidade e o desafio de quebrar ciclos. Muitas vezes, no calor das emoções, agimos com nossos padrões estabelecidos e não como seria apropriado para o momento. Eu me coloco pensando sobre o que comportamentos de repetição de padrão podem gerar em uma criança com esta estrutura. Quando observamos crianças no dia a dia, notamos o

adulto interferindo em emoções ou até mesmo ações das crianças, o que mostra estas estruturas mencionadas acima.

Como forma de exercício, tento sempre pensar nas minhas ações para que eu não repita os comportamentos estruturais. Tento acolher os sentimentos de choro e raiva do meu filho e mostrar que são sentimentos que todas as pessoas têm. Quando ele erra, mostro que é uma chance de aprendizagem e ao invés de puni-lo, busco ajudá-lo a refletir sobre como fazer diferente na próxima vez. Também dou o poder de escolha para ele em algumas situações, buscando o equilíbrio entre orientação e liberdade.

Nas peças de teatro que estive presente como mãe-espectadora, percebi uma ânsia em estar no controle, vindo dos pais e responsáveis pelos bebês e crianças pequenas. E esse controle poderia ser sobre o lugar onde iriam se sentar; onde a criança deveria olhar durante o espetáculo, onde ela deveria ficar na disposição do espaço; se ela deveria ficar quieta ou interagir e tantos outros. Sei que alguns combinados com crianças são inegociáveis e ser respeitoso também é colocar limites, mas me coloco nesta reflexão, de que certas vezes queremos controlar todo o momento mesmo sem perceber.

> A criança de zero a seis anos encontra-se profundamente dependente do outro, especialmente de seus pais e adultos cuidadores, para estabelecer bons fluxos de continuidade da vida, e conhecer o mundo. Entretanto, mesmo estando à mercê do que o outro pensa, sabe, sente, projeta, “lê” nela... (Machado, 2010, p. 12)

Em vários momentos em que estava assistindo as peças junto com o meu filho, tive vontade de interferir em algo que ele estava fazendo, porém depois que passei a pensar nestas estruturas e ciclos, me propus fazer um exercício de deixá-lo livre, ainda que com limites. E este é sem dúvidas, um processo de constante autoconhecimento e aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DE UM PERCURSO SENSÍVEL

Há um menino, há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança ele vem pra me dar a mão
Há um passado no meu presente
O sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra o menino me dá a mão
E me fala de coisas bonitas que eu acredito
Que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor
Pois não posso, não devo
Não quero viver como toda essa gente insiste em viver
E não posso aceitar sossegado qualquer sacanagem
Ser coisa normal
Bola de meia
Bola de gude
Um solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança um menino me dá a mão
Há um menino, há um moleque morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto fraqueja ele vem pra me dar a mão.

(Bola de Meia, Bola de Gude, Milton Nascimento)

Considero que este trabalho me trouxe a imersão e um olhar mais cuidadoso com as infâncias. Neste percurso me coloquei aberta e disposta a me deixar atravessar pelas experiências e o que me marcou principalmente, foi a conexão estabelecida com o meu filho que me acompanhou em todos os eventos aqui mencionados.

A primeira infância, fase que vai do nascimento até os seis anos, é um período muito importante da vida. Com um processo contínuo de desenvolvimento motor, cognitivo e emocional. Pontuando historicamente, a infância passou por recortes até chegar no conceito que é hoje, marcando direitos da criança como conhecemos atualmente e estabelecendo partes fundamentais dessa fase, como na área da educação.

A arte também tem seu papel no desenvolvimento do ser e neste trabalho especificamente desenvolvo o teatro para bebês e crianças pequenas com um olhar de mãe-espectadora. Pude acompanhar meu filho de perto no seu crescimento e aproximação concomitante do teatro, assistindo e participando de peças e eventos artísticos para a primeira infância. Neste contexto, ressalto que proporcionar estes momentos artísticos na vida dele, trouxe mais afetividade e elo na nossa relação.

É interessante pensar que o teatro para bebês e crianças pequenas proporcionam uma experiência estética única para os adultos acompanhantes, o que amplia o público de teatro para bebês, crianças pequenas e adultos cuidadores também. O teatro para bebês pode ser instrumento de fruição estética e artística para as pessoas adultas, como relatado no texto, alguns adultos conheceram esta linguagem a partir do desejo de inserir sua criança neste contato com a arte.

Todas as peças que prestigiei, foram em espaços públicos e gratuitos, o que foi de suma importância para poder vivenciar e pesquisar este tema. Ter a oferta de programações em espaços públicos é um passo muito relevante e mostra a grandeza desses equipamentos para a formação de público e o contado da população com a arte. Mas ainda há problemáticas, a maioria dessas programações ainda atingem um recorte da população por alguns motivos estruturais, tais como: a distância de onde está concentrado programações artísticas na cidade, falta de experiências e hábitos com a arte e as dificuldades financeiras.

> Com isso, ainda que peças de Teatro sejam gratuitas, a renda familiar dita os ritmos de frequência, visto que, a ida a uma peça inclui despesas como transportes ou outros custos implicados em qualquer saída familiar, além das informações sobre programações realizadas nos centros dificilmente chegarem nas regiões periféricas, dificuldade em se locomover com os transportes públicos entre periferias e centros em relação às grandes distâncias e ao tempo de espera dos transportes, ainda mais escassos aos finais de semana. (Silva, 2017, p. 100)

Nossa sociedade ainda precisa de muito avanço nos cuidados e responsabilidades com a infância. O olhar do adulto interfere e influencia a criança em vários sentidos; mudando sua autonomia, sua independência, sua criticidade e seu comportamento.

Ao longo dessa vivência, notei várias questões de interferência e desvalorização que permeiam até hoje a infância, motivadas pelo olhar de pessoas adultas. Estruturas que se fazem presentes e ressoantes no teatro para bebês e crianças pequenas. Coincidentemente, esse tema, embora esteja ganhando crescente atenção, ainda é pouco explorado em termos de pesquisa e possui uma oferta limitada de grupos teatrais especializados nesse segmento.

Seguirei pesquisando e desfrutando de momentos onde envolvam o teatro para a primeira infância junto com o meu filho e conosco, segue pulsando, o desejo de construir uma sociedade cada vez melhor e mais acolhedora para as sagradas infâncias.

REFERÊNCIAS

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança.** 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1966.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 07 set. 2024.

BENJAMIN, Walter**. Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação**. São Paulo, Ed. 36, 2011.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **A história social da infância no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KUHLMANN JR., Moysés; FERNANDES, Nelson Piletti. **História da educação no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1996.

MACHADO, Marina, Marcondes**. A Criança é Performer.** *Educação & Realidade*, *35*(2), 2010. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/11444. Acesso em 03 de julho de 2024.

MACHADO, Marina Marcondes. **Só rodapés: um glossário de trinta termos definidos na espiral de minha poética.** Rascunhos, Uberlândia, v. 2, n. 1, p. 53-67, jan./jun. 2015.

NASCIMENTO, Milton**. Bola de Meia, Bola de Gude.** 1988. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3T0WwdknIuI. Acesso em 07 de outubro de 2024.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Infância e cultura: a criança na sociedade brasileira**. São Paulo: Cortez, 2008.

PILOTTI, Francisco; RIZZINI, Irene. **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1995.

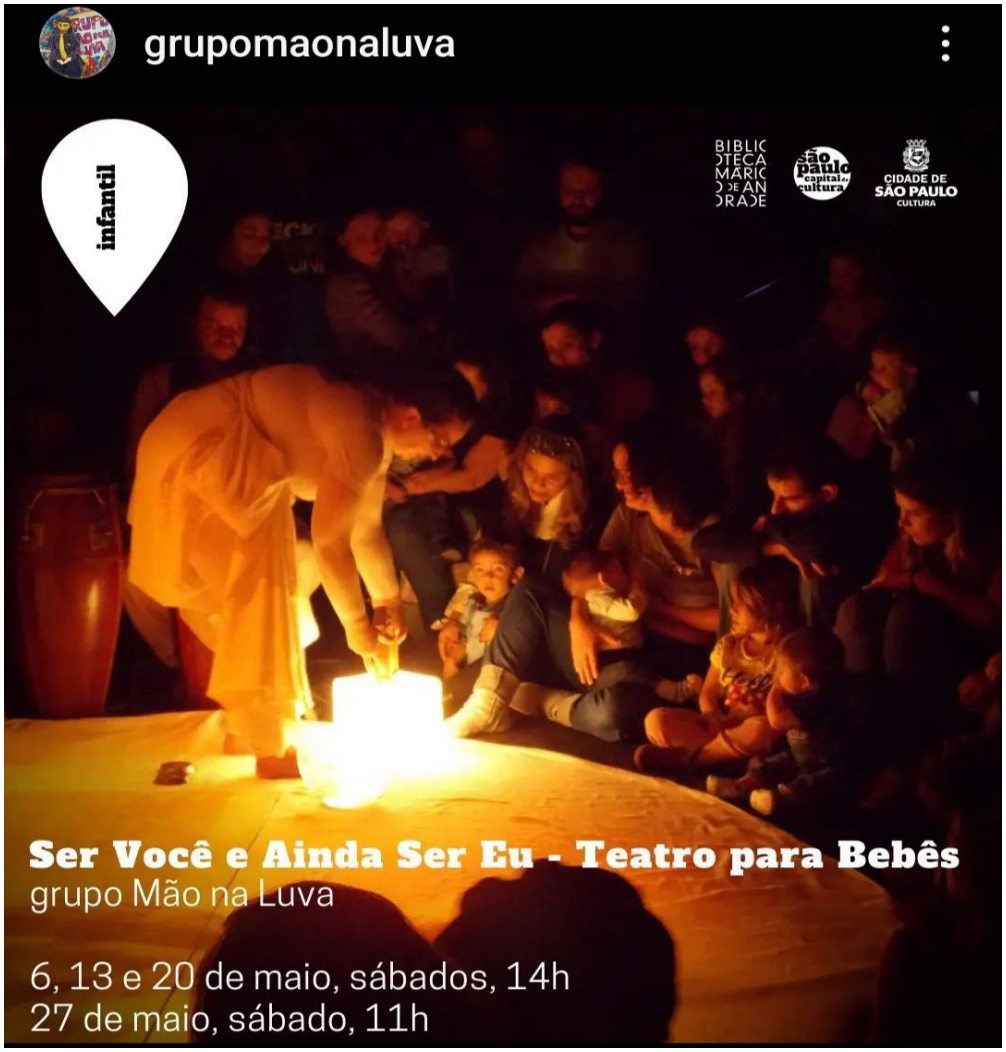
RIZZINI, Irene. **A criança e a lei no Brasil: revisão histórica**. Rio de Janeiro: EDUSU, 1997.

SILVA, Adriele, Nunes. **Teatro para bebês: Desafios em cena para as Artes e a Educação na primeiríssima infância.** 2017. 132f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ZIN,Cia. **Invento para Ventar.** Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas. São Paulo, 2024. Folder.

SOBREVENTO, Grupo. **Espetáculo Meu Jardim.** 2017. Disponível em: http://www.sobrevento.com.br/espet_jardim.htm. Acesso em 10 de setembro de 2024.

ANEXO A- Postagem feita no Instagram do Grupo Mão na Luva sobre o espetáculo.



ANEXO B- Postagem feita no Instagram do Grupo Mão Na Luva sobre a oficina.



ANEXO C- Postagem feita no Instagram do Grupo 2 mililitros sobre sua participação na Mostra PIPA.



ANEXO D- Postagem feita no Instagram do Grupo 2 mililitros sobre a mesa de discussão com convidados na Mostra PIPA.

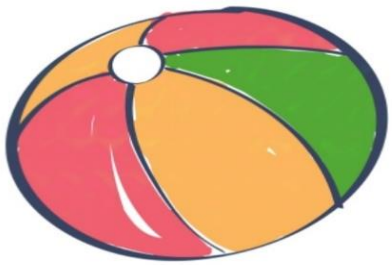


ANEXO E- Postagem feita no site da Cia Zin sobre os eixos de pesquisa feita pelo grupo.

ciazin.com

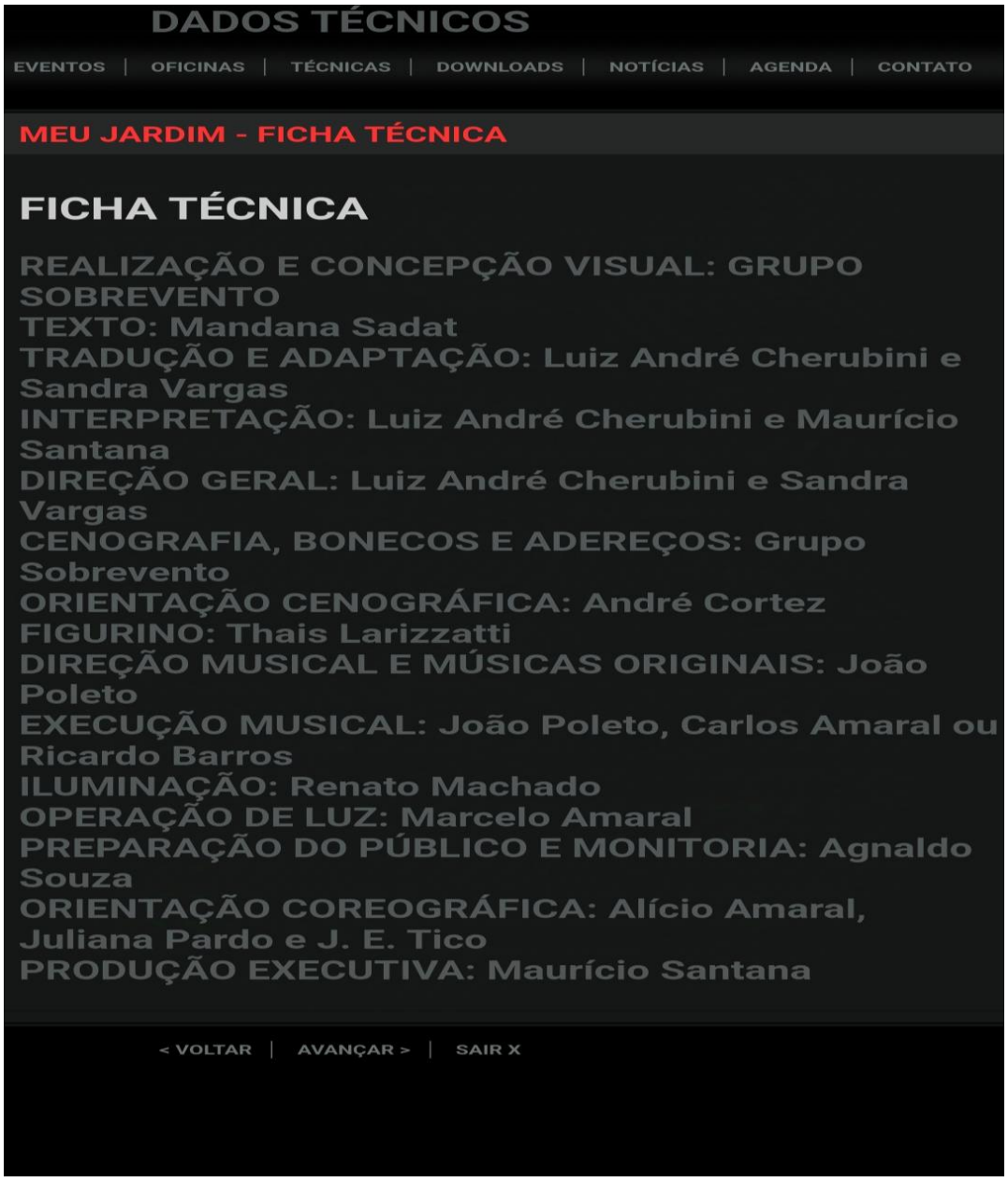
Acreditamos que fazer arte é um processo extremamente sério, no entanto, fazer arte para crianças é ainda mais. Porque quando produzimos arte para os pequenos nunca estamos atuando só no entretenimento, estamos operando no desenvolvimento, na percepção, na sensibilidade e na imaginação deste público. Por isso a Cia Zin se configura pesquisando todas as complexidades da arte para a primeira infância. Entendemos que a linguagem cênica para este público deve estar alinhada às artes contemporâneas, mas também com os momentos cognitivos e com as relações com a pedagogia e com a sociedade.

Fazem parte dos eixos de pesquisa da Cia Zin e compõe nossos espetáculos:



- A linguagem cênica para a primeira infância
- Abordagem Pikler
- O desenvolvimento psicomotor
- A poética do espaço.
- A importância do brincar livre com objetos não estruturados

ANEXO F- Postagem feita no site do Grupo Sobrevento sobre a Ficha Técnica da peça Meu Jardim.



DADOS TÉCNICOS

EVENTOS | OFICINAS | TÉCNICAS | DOWNLOADS | NOTÍCIAS | AGENDA | CONTATO

MEU JARDIM - FICHA TÉCNICA

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO E CONCEPÇÃO VISUAL: GRUPO SOBREVENTO
TEXTO: Mandana Sadat
TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO: Luiz André Cherubini e Sandra Vargas
INTERPRETAÇÃO: Luiz André Cherubini e Maurício Santana
DIREÇÃO GERAL: Luiz André Cherubini e Sandra Vargas
CENOGRAFIA, BONECOS E ADEREÇOS: Grupo Sobrevento
ORIENTAÇÃO CENOGRÁFICA: André Cortez
FIGURINO: Thais Larizzatti
DIREÇÃO MUSICAL E MÚSICAS ORIGINAIS: João Poleto
EXECUÇÃO MUSICAL: João Poleto, Carlos Amaral ou Ricardo Barros
ILUMINAÇÃO: Renato Machado
OPERAÇÃO DE LUZ: Marcelo Amaral
PREPARAÇÃO DO PÚBLICO E MONITORIA: Agnaldo Souza
ORIENTAÇÃO COREOGRÁFICA: Alício Amaral, Juliana Pardo e J. E. Tico
PRODUÇÃO EXECUTIVA: Maurício Santana

< VOLTAR | AVANÇAR > | SAIR X

ANEXO G- Matéria feita pelo Jornal Veja de São Paulo sobre a Cia Zin e sua peça: “Intento para Ventar”.

CRIANÇAS

Luana Machado



As três passarinhas protagonistas: Murú, Minga e Rubra

CHRIS SALVAN/DIVULGAÇÃO

RAINHA DOS VENTOS

O coletivo Cia. Zin, que comemora 13 anos de trajetória teatral, encena **Invento para Ventar** no Teatro Arthur de Azevedo. A quinta montagem da companhia é inteiramente idealizada para o público na primeira infância. Na peça, as "passarinhas" Murú (Elenira Peixoto), uma velha coruja sábia da espécie Mururucutu, Minga (Eugenia Cecchini), uma fêmea de flamingo brincalhona, e Rubra (Jéssica Barbosa), uma guará-vermelha cheia de energia, descobrem que o vento cessou de ventar em um mundo com cada vez mais muros e obstáculos. Com isso, elas encaram a missão de conversar com Iansã, a orixá dos ventos, que as pede para lembrarem as crianças da natureza e de brincarem com a ventania. Com dramaturgia de Filipe Celestino, do Coletivo O Bonde, e direção de Elenira Peixoto, *Invento para Ventar* também convida os pequenos a entrarem em cena mexendo nos objetos cênicos, como brinquedos infláveis. Essa é a primeira peça de uma trilogia da companhia sobre o brincar dos bebês na natureza. (40 min). Livre. **Teatro Arthur de Azevedo.** *Avenida Paes de Barros, 955, Alto da Mocca. ☎ 2605-8007. 28/9 e 29/9. Sáb., às 16h. Dom., às 11h e 16h (duas sessões). Grátis. @teatroarthurazevedooficial.*

Veja São Paulo 27 de setembro, 2024

veja SãoPaulo